

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura                    | Anno<br>36 n.º | Semest.<br>18 n.º | Trim.<br>9 n.º | N.º<br>a<br>entrega | 7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 497 | REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO   |
|--|----------------|-------------------|----------------|---------------------|-----------------------------|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte)  | 3\$800         | 1\$900            | \$950          | \$120               | 11 DE JUNHO 1884            | LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42  |
| Possessões ultramarinas (idem) . . . . . | 4\$000         | 2\$000            | —\$—           | —\$—                |                             | Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. |
| Estrangeiro (união geral dos correios).  | 5\$000         | 2\$500            | —\$—           | —\$—                |                             |   |

## CHRONICA OCCIDENTAL

Decididamente Lisboa está-se tornando uma grande cidade a valer.

Concorreu muito para isso, faça-se-lhe justiça plena, o sr. Rosa Araujo, com o assassinato do passeio publico do Rocio, essa vergonhosa gaiola que dava á nossa formosa cidade o aspecto acanhado e reles d'uma pequena terra de provincia.

A avenida da Liberdade apesar de estar ainda muito longe da sua conclusão dá já a Lisboa o aspecto amplo e grande d'uma cidade de primeira ordem.

Alli respira-se desafogadamente, ha largura, ar, amplitude, umas coisas que faltavam á nossa cidade baixa, e o movimento continuo de americanos, de riperts, char-a-bancs, veiu dar a Lisboa uma vida, uma animação de grande cidade, que ha dez annos ainda era desconhecida na nossa terra.

Agora o jardim zoologico veiu accrescentar mais um grande melhoramento aos melhoramentos materiaes de Lisboa e veiu dar-nos finalmente um passeio de primeira ordem, um ponto de reunião digno d'uma grande capital.

Ignorava-se completamente em Lisboa a belleza enorme d'esse grande parque de S. Sebastião da Pedreira. Ninguém imaginava que aqui mesmo, ás portas da cidade, existisse esse formoso jardim, com a sua matta frondosa, o seu enorme lago pittoresco.

A sociedade fundadora do jardim zoologico aproveitou as bellezas d'esse parque com summo gosto e graciosa arte, e é uma verdadeira surpresa e um verdadeiro deslumbramento para todos, que o visitam, o novo, o primeiro jardim d'acclimação, que ha em Portugal.

Por emquanto como exposição zoologica, o jardim de acclimação não é muito rico. Ainda assim tem bellos exemplares, como por exemplo a girafa que é magnifica, elegantissima, os ursos, a colleção de macacos que é muito variada e importante, a colleção de gallinhas, de pavões, de patos, sobre tudo esta que é realmente de primeira ordem, e muitas outras de que que em artigo especial trata desenvolvidamente hoje na nossa folha, um dos nossos mais distinctos collaboradores. Mas a grande belleza do jardim d'acclimação é a elegancia, a arte e o gosto com que a exposição zoologica está disposta, e rara habilidade com que o terreno está aproveitado, a fina intuição do pittoresco com que as bellezas do parque foram realçadas pela applicação das jaulas e gaiolas.

A rua das araras por exemplo é d'um aspecto perfeitamente magico, parece um quadro de *féerie* bem posta em scena. O grande lago em que nadam constantemente centenas de patos dos mais variados, e preciosas raças é um encanto.

As ruas largas e bem sombreadas do parque, por onde as jaulas e as gaiolas estão dispersas, o camello, bem ajeazado, que a todo o momento atravessa essas ruas guiado por um preto e carregado com cachos de formosos babys risonhos, a animação constante de milhares de pessoas que passeiam, conversam, analysam as aves e as feras, os sons estridentes e alegres das bandas marciaes que tocam junto ao lago, o aspecto inteiramente novo para nós de restaurants ao ar livre com as suas mezas espalhadas por baixo das arvores, e servidos por criados irreprehensivelmente vestidos, tudo isso dá no jardim de acclimação um ar extranho, festivo, alegre, desconhecido em Portugal e que nos faz esquecer de todo de que estamos na pucata e insipida Lisboa.

E como não podia deixar de ser esse encanto fascina toda a gente, e todos os dias é uma verdadeira romaria para S. Sebastião, romaria a pé, de char-a-bancs, de riperts, de typoias de praça, de carruagens particulares, uma romaria de nobreza clero e povo, como ha dias dizia um *parvenu*, que se dirigia para o jardim d'acclimação com sua mulher, sua sogra e o seu capellão.

— Agora é que se póde dizer que vae aqui nobreza, clero e povo. Nobreza sou eu e minha mu-

lher, clero, é o padre capellão, e povo é minha sogra!

Como dissemos na nossa ultima chronica está em Lisboa dando uma serie de representações a companhia dramatica do theatro Baquet do Porto.

As primeiras recitas foram dadas no theatro do Principe Real, mas como o mau local d'esse theatro, muito afastado do centro da cidade não desse muita concorrência a essas recitas, a companhia veiu no principio do mez para o theatro do Gymnasio onde tem sido muito mais bafejada pela sorte.

Temos seguido com escrupulosa attenção esses espectaculos para podermos formar juizo seguro d'esses artistas laboriosos, que nos vieram visitar e que são muito applaudidos no Porto.

N'essa companhia ha artistas de muito merecimento, que merecem a consideração da critica.

Um d'estes artistas é o sr. Gama, um actor extremamente correcto, que sabe da sua arte, e que n'um papel de primeira ordem como o de marquez de la Seigliere, arcou valentemente com todas as grandes difficuldades do papel, vencendo-as por vezes brilhantemente, e não desmanchando nunca a individualidade do personagem, que não é de facil creação.

A actriz Emilia Eduarda é tambem uma característica de muito valor. Intelligentissima, comprehendendo excellentemente todas as *mances* dos seus papeis, sabendo perfeitamente o que diz, dá a todos os papeis que lhe incumbem uma interpretação exacta e rigorosa, tanto aos papeis de comedia como aos papeis dramaticos, e nas *Mulheres de marmore* e *Romance d'un rapaz pobre* accentuou bem a dupla phase do seu distincto talento artistico.

E ao mesmo tempo que é uma actriz apreciavel, Emilia Eduarda é tambem uma apreciavel escriptora. Ha annos, quando estivemos no Porto, vimos uma comedia excellentemente imitada por ella: recentemente ainda, n'um seu beneficio, Emilia Eduarda recitou com muita *verve* uma engraçada parodia em verso ao monologo *A mosca*, composta pela festejada artista, e no repertorio theatral do Porto ha muitas peças devidas ao seu gracioso talento de mulher de letras.

Muito espirituosa e engraçada na sua conversação, tendo sempre a proposito a observação justa, o bom dito, um humorismo critico espontaneo e por vezes mordaz, Emilia Eduarda é, além de uma apreciavel artista e de uma apreciavel escriptora, uma conversadora deliciosa como não ha muitas na nossa terra.

Um outro nosso conhecido do Porto, que ha muito tempo não viamos, é o actor Soller, que tem entre os portuenses uma grande reputação.

Os trabalhos que tem feito em Lisboa justificam em parte essa reputação. Effectivamente,



D. SATURNINO ALVAREZ BUGALLAL — NOVO MINISTRO D'ESPAHIA, EM LISBOA  
(Segundo uma photographia de F. Debas, de Madrid)

Soller tem dotes muito apreciáveis de galan, mas parece-nos que, muito mais do que galan, Soller será um bello *diseur* de comedia.

Foi n'um d'esses papeis que o vimos pela primeira vez no Porto, e se não nos desagrada nos galans, comtudo agradou-nos immensamente mais n'esse papel de dizer, em que nos fez lembrar um pouco o nosso grande e desgraçado Santos.

Da companhia do Baquet, porém, quem mais nos surpreendeu foi a actriz Palmira.

Assistimos em tempo em Lisboa á sua estreia e julgámo-la uma completa negação artistica.

Mais tarde encontrámo-la na companhia de Emilia Adelaide, *retour du Bresil*, e mais nos affirmámos no nosso primeiro juizo.

Agora ficámos completamente surpreendidos. Palmira não é uma grande actriz, como alguns nos diziam, mas tem lampejos de verdadeiro talento, a que nunca, confessámo-lo francamente, a julgámos subjeita.

Até agora tinhamol-a por uma negação artistica, hoje parece-nos que está ali um dos futuros mais brilhantes do nosso theatro d'amanhã, se ella estudar com persistencia, e se tiver quem a ensine e quem a dirija.

O talento lá está, apparece de vez em quando, e o seu grande defeito d'hoje é o ser extremamente desigual e não se ter ainda fixado n'um genero. Ella faz ingenuas, faz *grands premiers roles*, faz coquettes, faz damas de comedia, e em todos esses papeis tem scintillações brilhantes e quedas deploráveis.

Bom estudo e bom mestre é do que Palmira precisa para ser realmente uma actriz de primeira ordem.

Physicamente, Palmira tem uma grande vantagem e um grande embaraço, o embaraço é a voz, que precisa muito educada, a grande vantagem são os olhos, que são esplendidos, tem um olhar magnifico e de que ella já se sabe servir excellentemente, como por exemplo no 4.º acto das *Mulheres de marmore*.

A actriz Thereza d'Aço, que esteve ha pouco tempo ainda no theatro de D. Maria, onde entrou com uma grande reputação que não justificou, está-a justificando agora na companhia do Porto. Não parece a mesma artista monotona, ainda que correcta, que vimos em D. Maria: tem vida, animação, elegancia, dá grande relevo aos papeis, é em summa uma actriz distincta, que se ouve com muito agrado e se applaude com muita justiça.

Com seu marido, o actor Taveira, dá-se o mesmo caso.

Em D. Maria passou despercebido, e agora põe-se em evidencia pela distincção com que representa, pela finura intelligente com que diz os seus papeis, e com que se impõe ás sympathias do publico.

Alvaro, já muito nosso conhecido, continua a ser o mesmo actor de talento, cheio de fogo e de enthusiasmo, um bom artista e um bello rapaz que sempre se vê em scena com o mesmo prazer com que se abraça no camarim.

Na companhia vem mais dois artistas já justamente apreciados em Lisboa, os srs. Verdial e Pires, uma actriz muito intelligente e graciosa, a sr.ª Carmen, e dois artistas que no Porto agradam muito e que ainda não vimos em trabalhos dignos de menção especial, os srs. Amaral e Ricardo.

E já vêem por esta rapida noticia dos principaes artistas que a companhia do Baquet é muito apreciavel, e que os seus espectaculos no Gymnasio merecem bem ser vistos e applaudidos.

Está em Lisboa tambem, no Colyseu, uma companhia de zarzuela de primeira ordem, que tem como seu director o sr. Ramos Carrion, um dos auctores dramaticos mais applaudidos do reino visinho, e como maestros Caballero e Chapi, duas illustrações musicas da Hespanha contemporanea. A companhia, em que figura a primeira tiple Cortez, que Lisboa já applaudiu muito no theatro dos Recreios, tem artistas de subido merito, dizem, e na peça com que debutou, a *Marina*, teve uma ovacão enorme o tenor, que é, pela belleza da voz, de que sabe usar muito bem, um dos melhores tenores que Lisboa tem ouvido.

N'um dos intervallos da *Marina* tivemos o prazer de ser apresentado pelo grande poeta brasileiro e nosso presado amigo Luiz Guimarães Junior, o secretario do Brazil, á celebre actriz Ismenia, a maior gloria theatral do Brazil, que actualmente está em Lisboa.

A actriz Ismenia é uma grande actriz e uma interessante mulher, e seria para lamentar que o publico de Lisboa não tivesse ensejo de applaudir e victoriar a famosa artista na sua passagem pela nossa terra. E portanto esperemos que Ismenia deixe admirar ao publico de Lisboa ao menos n'uma recita unica o seu esplendido e glorioso talento.

Faleceu na semana passada o pae do nosso estimado amigo o sr. Paulo Plantier, um cavalheiro francez muito conhecido e querido em Lisboa.

O pae de Paulo Plantier foi o primeiro editor de Lisboa, e a sua primeira obra editada foi um livro de poesias de Sant'Anna e Vasconcellos.

Julio Machado n'um dos seus deliciosos livros dedica algumas paginas a esse bom velho que hoje dorme o grande somno nos Prazeres e cuja morte cobriu de luto os seus filhos que o estremeciam e foi muito sentido por todos que com elle conviam. Associamo-nos á dor que punge n'este momento Paulo Plantier, e seu irmão de quem ha muito somos sinceramente amigos.

Abriu-se no domingo, quasi que sem ninguem saber, a exposição da sociedade promotora das Bellas Artes.

Iremos visital-a um d'estes dias e depois diremos d'ella.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

D. SATURNINO ALVAREZ BUGALLAL

N'estes ultimos annos, apraz-nos confessá-lo, a escolha que o governo da nação visinha tem feito dos seus representantes em Portugal, não podia ser mais selecta.

Estão ainda vivas na nossa memoria as gratas recordações que deixaram em Lisboa homens tão eminentes nas letras e na politica como D. Juan Valera, conde de Casa-Valencia, duque de Tetuan, e tantos outros não menos respeitáveis, e já temos novamente occasião de poder avaliar os altos merecimentos e qualidades de D. Saturnino Alvarez Bugallal, ministro de sua magestade catholica n'esta corte.

Modelo de honradez e de lealdade politica, este respeitavel cavalheiro tem figurado sempre no partido conservador do seu paiz, como defensor da monarchia de D. Affonso XII e como fiel correligionario e amigo inseparavel de D. Antonio Cánovas del Castillo.

Foi differentes vezes ministro da justiça e é considerado hoje como uma das personalidades mais caracterizadas do seu partido. Sendo ainda muito moço, fez se conhecer vantajosamente tomando parte em discussões importantissimas na academia de jurisprudencia de Madrid, que era então presidida pelo celebre tribuno D. Salustiano de Olózaga, o qual animou com os seus entusiasticos elogios aquelle orador novel, a quem os seus proprios adversarios consideravam já como uma das esperanças do fóro hespanhol, reconhecendo no sr. Bugallal uma intelligencia superior e vigorosa para a controversia, de cujas faculdades tem dado sobejas provas n'estes ultimos trinta annos.

Se debaixo d'este ponto de vista se reconhecem no sr. Bugallal dotes especiaes nas luctas da palavra e no brilhantismo da argumentação, não é inferior o seu nome como jornalista, pois collaborou com o maior exito na redacção de *La Epoca*, o primeiro jornal de Madrid e um dos primeiros tambem de toda a Europa.

Aos 25 annos de idade entrou o sr. Bugallal no parlamento hespanhol. O seu primeiro discurso em defeza da sua propria acta de eleição lhe conquistou reputação de orador parlamentar.

Foi deputado nas legislaturas de 1859 a 1866, nas côrtes constitucionaes de 1869, na assembléa nacional de 1873 e em todas as que se tem seguido desde a restauração affonsina até hoje. Actualmente é senador eleito pela provincia de Orense.

Quando subiu pela primeira vez aos conselhos da corôa era vice-presidente do congresso dos deputados. Occupando em duas occasiões distinctas a pasta da justiça com brilhante iniciativa parlamentar, foi sempre applaudido e respeitado pelos seus actos como ministro, pela sua eloquencia como orador, e pela fidelidade ao seu partido como homem politico.

É o decano do collegio de advogados de Madrid, cujo cargo só pode ser conferido aos juriscosultos mais eminentes, e os codigos penal e do processo civil, actualmente em vigor no paiz visinho, são obra da sua competentissima iniciativa como ministro da justiça.

No relatório da reforma penal, apresentada recentemente ao parlamento portuguez, se faz referencia honrosissima para o sr. Bugallal, porque ao ser citado o codigo da Hespanha se diz que elle é o mais liberal da Europa.

D. Saturnino Alvarez Bugallal conhece a fundo a nossa litteratura e a nossa historia.

Possue vastissimo erudição e profundo conheci-

mento das sciencias politicas e moraes, e, com todo o seu saber, e com a sua eminente posição social, a mais rara modestia constitue o bello fundo d'aquelle nobre caracter, em que brilham sem ostentação a honradez, a bondade e a justiça.

CUSTODIO MIGUEL DE BORJA

Por decreto de 3 de abril do corrente anno foi nomeado governador da provincia de S. Thomé e Príncipe o 1.º tenente da arma Custodio Miguel Borja. Nasceu este official aos 25 de dezembro de 1849 na Amora.

Assentou praça em novembro de 1866 no regimento de artilheria n.º 4, e passou á classe de aspirante a guarda marinha no anno seguinte, quando cursava a escola Polytechnica de Lisboa. Findo o curso da sua arma foi promovido a guarda marinha. Fez depois algumas viagens na India, mar do Açores, Cabo Verde, S. Thomé, fazendo parte da guarnição da corveta *D. João I* na sua ultima viagem de instrucção a Angola, sendo promovido a 2.º tenente em 1875.

A fortuna correu-lhe propicia, por que foi logo nomeado immediato da canhoneira *Rio Minho*, estacionada em S. Thomé.

Achava-se então governando a provincia o falecido capitão de fragata Gregorio José Ribeiro, que o fez desembarcar, nomeando-o administrador do concelho da ilha, e ao mesmo tempo commandante do corpo de policia. Quando mezes depois retirou da provincia o governador Ribeiro, pediu o sr. Borja a sua exoneração dos cargos que exercia, a qual lhe foi concedida, conferindo-se-lhe o grau de cavalheiro da ordem de N. S. da Conceição pelos serviços alli prestados.

Em junho immediato foi nomeado secretario geral do mesmo governo, cargo que exerceu até abril de 1881.

Durante o exercicio d'este emprego foi á colonia franceza do Gabão estudar o methodo seguido na instrucção popular, ministrada alli quer por conta do Estado, quer por intermedio das corporações religiosas; o relatório que sobre este assumpto elaborou foi muito elogiado pela imprensa, e até por uma portaria que não prima pela correcção grammatical. Observou então o progresso d'aquella colonia e teve occasião de introduzir na colonia portugueza a cultura da baunilha.

Em janeiro d'esse ultimo anno foi nomeado governador da ilha do Príncipe, cargo de que não tomou posse, por se achar exercendo o de director das obras publicas do districto, em consequencia do falecimento do respectivo.

Pedindo a sua exoneração do referido cargo de governador, e apresentou-se candidato a deputado independente por aquelle circulo, e foi eleito.

Exercendo o mandato popular se achava na camara ultimamente encerrada, quando foi nomeado governador da mesma provincia.

O novo governador tem sido elogiado por varias commissões de serviço que tem exercido, recebido condecorações estrangeiras por serviços prestados aos subditos d'essas nacionalidades, e é possuidor de vastas propriedades na provincia que vae governar, onde é muito conhecido e tem bastante influencia.

Estas circumstancias devem concorrer para que o seu governo seja util á provincia, apesar dos poucos annos do illustrado official.

O IGUANODON

Um acaso, um perfeito acaso fez descobrir este animal prehistorico. Ao continuar as escavações em uma mina de huilla, da bacia carbonifera belga de Bernissart, appareceu o esqueleto d'este monstro. E, coisa singular, a mesma camada de terreno anti-diluviano onde foi encontrado, servia de jazigo prehistorico a muitos outros individuos da mesma especie, grandes e pequenos, uma tribu completa de *iguanodons*.

O director gerente da mina, apenas lhe constou este facto, deu logo conhecimento d'elle ao museu de Bruxellas. O jazigo foi immediatamente submettido a um corte regular, e durante muitas semanas os preparadores do Museu desceram ás galerias da mina, fazendo elles proprios o officio de mineiros, pelo interesse da sciencia.

As mais cuidadosas e minuciosas precauções foram postas em pratica, afim de conservar intactos tão preciosos restos: foi inventado um systema completo de um massisso de gesso a frio, e de solidificação, e tão felizmente foi praticado, que a pesar da sua longuissima idade se poderam conservar bastantes d'essas ossadas gigantes, que tinham uma tendencia deploravel, para se desfazerem em pó, mal as separavam da sua mortalha de argila, e assim se reconstruam completamente muitos esqueletos de *iguanodons*.

O mais notável de toda essa pleiade encontrada é aquelle que a nossa gravura representa, e se admira no Museu de Bruxellas, que vem despedaçar o veu que meio — velava ainda a fauna dos tempos fabulosos, e contudo historicos.

É um animal, unico no seu genero; cabeça de cefalo, pés de ave, e cauda de lagarto, parece escapar a qualquer classificação zoologica. Como vivia? e quando? Como andava? Em coisas que se referem a epochas anteriores ao diluvio, a solução não pôdeser facil.

Parece porém evidente que este primo co-irmão do ichtyosauro vivia de ervas, e andava, quando não rastejava. Na realidade, um saurio.

Para este novo genero foi necessario inventar um nome — *iguanodon* — e o terreno onde se encontrou foi chamado *iguanodiano*.

Os preparadores do Museu de Bruxellas, que tiveram as primicias da especie iguanodiana, representaram-o andando com as patas posteriores á guiza do kanguru, e parecendo apanhar uma trepadeira com as de deante. Esta attitudé dá ao monstro um caracter um tanto fantasista; muitos sabios conhecedores da fauna dos tempos de Noé, julgam que o iguanodon corria sobre suas quatro patas como o lagarto, mas que jámais andou como o kanguru, nem, ainda nas suas horas de regosio, tomou a posição de grifo heraldico que lhe deram no seu armario envidraçado.

Seja como fór, as suas proporções excessivas justificam a celebridade que adquiriu o espantoso esqueleto prehistorico do Museu de Bruxellas. A riqueza da sua estrutura, presta além d'isso á sua extrema raridade um extraordinario interesse, tanto para o mundo scientifico como para o vulgo profano.

Conservava o mamuth, até ha pouco, o lugar culminante entre as curiosidades das primeiras epochas terrestres, agora porém a sua notabilidade é consideravelmente offuscada e excedida pelo iguanodon.

## O INFANTE D. FRANCISCO

APRECIADO NA SUA CORRESPONDENCIA INEDITA

1726

(Continuado do n.º 196)

### I

Corrupção da epocha — A industria dos memoriaes com os ministros publicos, suas mulheres e filhos

Possuo um manuscrito, *in-folio* pequeno, com o seguinte titulo lançado no alto da primeira pagina escripta:

Anno de 1726

*Registo das cartas assignadas pelo conde de Aveiras, D. Duarte Antonio da Camara, e officia-das pelo expediente e secretaria do serenissimo senhor infante D. Francisco, e registo tambem dos decretos do mesmo senhor; havendo tido seu principio em janeiro do corrente anno de 1726, e vae tudo numerado, etc.*

Nenhuma duvida pôde haver de que se tracta do infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, não só pela razão da data, mas porque elle proprio o diz no decreto da nomeação do filho mais velho de um tal Manuel Roiz, o *Pequenino*, para servir o emprego de escriptão das armas da cidade de Leiria.

Começa assim:

«Tendo consideração aos serviços que me consta haverem-se feito por Manuel Roiz, o *Pequenino*, ao senhor rei D. Pedro, meu senhor e pae, que santa gloria haja etc.»

Esta correspondencia, sem embargo de ser na sua maior parte dirigida ao thesoureiro Francisco Xavier Curvo Semedo, á Junta do Infintado, e a diversos almoxarifes, juizes de fora, doutores, padres, executores, cavalleiros e moços de estrebalaria, sobre negocios domesticos do infante, comprehende tambem cartas endereçadas a alguns dos primeiros personagens da corte de D. João V, o cardeal Pereira, o conde das Galveias, embaixador em Roma, o secretario de estado Diogo de Mendonça Corte Real, o vice-rei da India João de Saldanha da Gama, o arcebispo de Braga, o bispo da Guarda, e outras pessoas notaveis.

E, quando não tivesse mais utilidade do que darnos um testemunho irrecusavel de geral corrupção dos costumes n'aquella epocha, seria um documento precioso.

No já citado *Quadro elementar* do visconde de Santarem, este escriptor, resumindo uma informação do agente Viganego, diz — *que tal era a de-*

*sordem que havia na arrecadação dos rendimentos que, sendo el-rei de Portugal um dos mais ricos soberanos da Europa, se achava n'aquelle estado de apuro, por isso que os sobreditos rendimentos passavam por tantos canaes subterraneos, que acabavam por chegar-lhe ás mãos mui desfalcados — que el-rei apenas recebia a quarta parte das rendas do Estado — que se não examinavam as contas e que o numero de pessoas que tinham tenções era exorbitante (t. v, intr. pag. cexlviii, nota). Esta observação é exactissima; o proprio rei a confirma nos decretos de 19 de novembro de 1722 e de 9 de janeiro de 1723, trasladados á correspondencia do irmão.*

El-os:

1.º

«Sou informado que alguns ministros dos tribunaes e muitos officiaes d'elles se fazem procuradores das partes que n'elles requerem, o que é totalmente prohibido pelas leis, regimentos e ordens de que resulta grande prejuizo á administração da justiça e arrecadação de minha fazenda. E porque convém extinguir um abuso tão pernicioso, como pareceu advertir aos ditos tribunaes por este decreto, esperando que os ministros que estão indiciados d'este procedimento se emendem de sorte que me não seja necessario usar de outra demonstração mais grave, e o presidente do tribunal ou ministro que presidir advertirá aos officiaes que lhe forem subordinados, comunicando-lhes da minha parte, uma severa e rigorosa demonstração de castigo, se se não absterem d'esta culpa. O conselho da fazenda o tenha assim entendido. Lisboa Occidental, a 19 de novembro de 1722. Com a rubrica de Sua Magestade.»

2.º

«O conselho de fazenda tenha entendido que o decreto de 19 do mez de novembro do anno passado, que baixou para que os ministros e officiaes não fossem procuradores das partes, se deve entender não só nos negocios que se tratarem no mesmo conselho, mas nos outros tribunaes, extendendo se a mesma prohibição ás cartas de favor e memoriaes que se costumavam dar ás partes para que os ministros e officiaes os favorecessem, e isto mesmo se entenderá a respeito das mulheres e filhos dos ministros, porque assim o hei por bem, por ser assim conveniente á boa administração da justiça e do meu serviço. Lisboa Occidental, a 9 de janeiro de 1723. Com a rubrica de Sua Magestade.»

Por aqui se vê que não é de hoje nem de ontem a industria velhaca dos memoriaes. Já n'aquelle tempo era grandemente lucrativa!

(Continua)

Alberto Telles.

## JOSÉ MANUEL RODRIGUES

E

### A sua memoria sobre a theoria da balistica

De todos os rapazes do nosso tempo, que se sentaram conosco nos bancos das aulas, companheiros dos trabalhos e fadigas das escolas, é o que mais avulta e cuja personalidade se affirma superiormente d'um modo incontestavel e agradável para todos os seus antigos companheiros, os primeiros que se curvam deante da sua intelligencia scintillante e da espontaneidade do seu robusto talento.

Entre os mais, havia bons estudantes capazes de comprehender; José Manuel Rodrigues ia mais além, capaz de produzir.

Em cada condiscipulo, em cada contemporaneo tem ao mesmo tempo um amigo e um admirador. Não chega a inveja até elle; talvez por estar o seu merecimento muito alto; talvez por ser a sua modestia muito grande tambem.

É a unica coisa até que podemos comparar com o seu talento, a sua excessiva modestia. O seu trabalho não, O estudo não o absorve. Trabalhando como é indispensavel, sobeja-lhe bem o tempo para desempenhar os serviços da sua profissão, vivendo a vida dos seus camaradas, o que mais prova a facilidade com que produz.

Fez o curso preparatorio para a arma de artilheria na Universidade. Alli como na escola do exercito, não foi comprehendido, mas considerado apenas como um estudante *seguro*.

A opinião dos condiscipulos, geralmente mais fundamentada, é que era bem diversa.

Não tendo a *pose* que dá nas vistas, retrahido, sem ostentação, encoberto na sua capa que tinha sido preta e na sua grande modestia, passava quasi

desapercebido e ignorado, mas cada vez mais estimado pelos que o tratavam de perto e que viam com prazer ir avultando todos os dias aquella capacidade despretenciosa.

Ainda na Universidade começou a escrever para o jornal de mathematicas, dirigido pelo doutor Gomes Teixeira, que soube avaliar-o justamente.

Ahi fez as suas primeiras armas.

Atrahido pelo estudo da analyse que prefere, continuou sempre no meio das suas occupações bastante absorventes, a dedicar algum tempo áquelle ramo das mathematicas em que tanto ha ainda a fazer e a completar.

A geometria perturba-o e exalta-o dando-lhe insomnias: consequencia da susceptibilidade extraordinaria dos seus nervos com que os condiscipulos ás vezes se divertiam.

Um trabalho da cadeira de artilheria na escola do exercito deu-lhe occasião para estudar um dos problemas mais complexos e difficeis de mechanica, que tem occupado a intelligencia dos geometras e artilheiros mais illustres como são: Galileo, Newton, Bernoulli, Euler, Legendre, Robins, Lagrange, Robert, Hutton, Borda, Poinou, Didion, Coriolis, Otto, Magnus, Mavevski, etc.

Resultou d'ahi um trabalho que lhe valeu a entrada na Academia Real das Sciencias como socio correspondente, trabalho ainda mais para admirar quando se attenta no modo e no tempo em que foi produzido.

Não foi ao cabo de grandes e laboriosos estudos mas no prazo que a escola impõe nos trabalhos de *salas d'estudo*: simplesmente como que um applicação natural da grande copia de conhecimentos que possui dirigidos pela sua luminosa aptidão.

Pena é que o serviço da arma a que pertence, e que tanto nobilita lhe desvie a sua actividade, roubando-lhe o tempo que melhor seria applicado em assumptos de interesse para todos nós e dignos d'elle.

Continuar fazendo dias á bateria e em passeios ao gado, quando podia occupar-se da balistica externa, da interna, resistencia das bocas de fogo, dos reparos e suas percussões, etc., parecem pouco razoavel.

D'outro modo todos teriamos que lhe agradecer e bastante em que aprender.

A commissão d'aperfeiçoamento da arma de artilheria, afigura-se-nos que nada perderia dando lugar no seu seio a aptidões d'esta natureza, independentemente das patentes.

Completo José Manoel Rodrigues o curso d'artilheria em dezembro de 1882. Tão distincto foi o seu exame da habilitação com que o fechou, que subiu a occupar o primeiro lugar.

Sabido d'uma escola onde o *struggle for life* faz nascer tantas rivalidades e mal-querenças, por ver a posição de cada alumno dependente da dos outros, posição que se reflecte depois na ordem da collocação no respectivo quadro da arma, teve José Manoel Rodrigues a gloria de ser indiciado pelos proprios condiscipulos para o primeiro lugar. O curso deu um jantar ao seu numero 1, prestando homenagem áquelle sympathico rapaz, que sabia da Escola para entrar na Academia real das sciencias, e que conseguia, no meio dos trabalhos mais heterogeneos, atacar com tal valentia e resultado o problema de mechanica em que Mavevski parecia ter dito a ultima palavra.

É um facto que ao mesmo tempo ennobrece os seus condiscipulos, que só tiveram para aquelle *concorrente* abraços sinceros, e que ergueram n'uma eloquente apothose espontanea aquella individualidade das mais potentes que tem sabido das escolas de applicação ha um bom par de annos.

Longe de nós a ideia de apreciar ou discutir: temos apenas a intenção de a saudar. Saudar o seu talento que já se tem evidenciado, descobrindo-nos ao mesmo tempo deante do glorioso futuro que lhe prevemos.

Será ornamento da arma a que pertence e que o tem no mais subido apreço, um official com que o exercito se honra e um professor com que se ufanará uma escola.

Estamos certos de que alcançará um dos mais luminosos logares entre os homens da sua epocha, tendo sempre dos que o conhecem a maior homenagem pelo seu talento unida á maior sympathia pelo seu caracter.

Continua sempre em novos commetimentos. Tendo-se occupado na sua memoria apresentada á academia da integração das equações differenciaes do movimento dos projecteis no ar, reduzindo-a a quadraturas, acha-se estudando agora a rotação dos projecteis em volta de um eixo que forma um angulo variavel com o de figura e que se transportam no ar com um movimento de translação variado.

(Continua)

J. L.



EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA — INTERIOR DO PAVILHÃO CENTRAL. (Desenho do natural por J. Christiano e M. de Macedo).

## JARDIM ZOOLOGICO E DE ACCLIMAÇÃO EM PORTUGAL

Quando, por occasião de solemne-mente celebrar-se o Tricentenario Camoniano, irrompeu em todo o nosso paiz um movimento febril de enthusiasmo, repetidas vezes se disse e repetidas vezes se escreveu que esse festivo pullular de actividades, esse unisono palpar de corações n'aquelle momento sagrado, era nem mais nem menos que o renascimento de um povo.

Restava justificar similhante asserção.

Estes quatro annos que de então para cá teem decorrido, vão maravilhosamente dando razão ao horoscopo dos optimistas.

Portugal n'estes ultimos quatro annos tem claramente revelado uma superabundancia de vitalidade, que inspira largamente a esperanza de ver ainda um dia substituida por brilhantes eras de prospera florescencia a modorrenta decadencia em que nos iamos perdendo.

De resto... que importa que aos poderes publicos, maculados pela lepra do indifferentismo ou do egoismo, desagrade incarrar com seriedade a alta missão que lhes incumbe? Se a um grande numero dos nossos governantes interessa apenas, em uma phase deploravel de cynica devassidão, concentrar toda a sua actividade em favorecer escandalosamente filhos ou netos e sobrinhos ou afilhados, em galardoar serviços de galopinagem eleitoral, em patrocinar torpezas, ou em satisfazer caprichos de



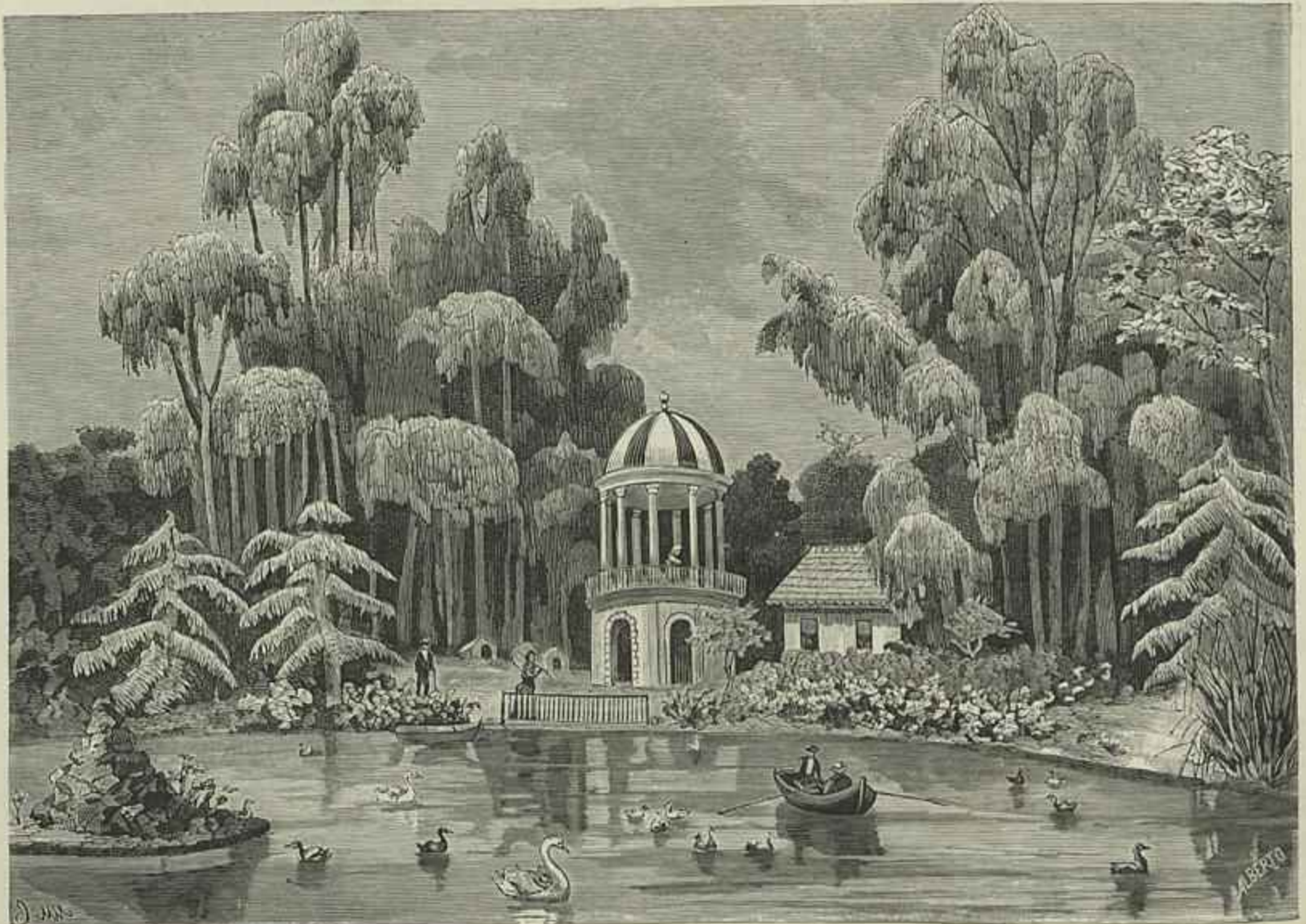
CUSTODIO MIGUEL DE BORJA — NOVO GOVERNADOR DE S. THOMÉ E PRINCEPE  
(Segundo uma photographia de Camacho)

hetairas, — o povo sabe reagir contra essa infectuosa corrente de lamenta-desmoralização; e a opinião das pessoas honestas e sensatas sabe traçar, independente dos poderes publicos, a verdadeira estrada da civilização.

E assim que os mezes de Maio e de Junho de 1884 se teem desentranhado n'uma grata proliferação de elementos propicios ao renascimento da nossa antiga preeminencia entre os povos da Europa.

A abertura da *Exposição-Agricola*, a do *Museu de Bellas-Artes*, a inolvidavel *Kermesse* promovida na Tapada Real por S. M. a Rainha, as *conferencias scientificas* do professor José Julio Rodrigues no Salão do Theatro da Trindade (conferencias destinadas a sahirem depois reproduzidas na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*), a exposição de productos artisticos levada a effeito pela *Sociedade promotora das Bellas-Artes em Portugal*, e a inauguração do *Jardim Zoologico*, — brilhantes revelações sao estas que deixarão lisongeiramente assignalados na historia social do nosso paiz os dois mezes supra-mencionados, e que attestam de um modo eloquente o que pode a iniciativa particular quando verdadeiramente a illumina a chamma do patriotismo, visto que a iniciativa particular foram (com simples excepção das duas primeiras) todas ellas exclusivamente devidas.

O interessantissimo estabelecimento, a cuja inauguração (modestamente realizada, sem ostentações nem pompas) Lisboa assistiu com as mais significativas demonstrações de sympathia e de enthusiasmo no dia 28 de



O LAGO CENTRAL DO JARDIM ZOOLOGICO (Desenho de J. Christino e M. de Macedo)

Maio proximo findo, intitula-se *Jardim zoológico e de acclimação em Portugal*.

É que Lisboa estava naturalmente reclamando uma instituição d'estas. — Lisboa que pelas condições climatericas da sua situação geographica, e pela fauna riquissima das colonias que Portugal possui em todas as partes do globo, representa o local mais adequado para n'elle medrar e prosperar um *Jardim zoológico e de acclimação*.

Reduzido como se acha actualmente o nosso grandioso emporio de além-mar, offerecem, ainda assim, as nossas colonias assaz magnificencia para que, mesmo hoje, possam ter significação positiva aquelles quatro sublimes versos da epopéa nacional.

«Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio  
«O Sol logo em nascendo vê primeiro,  
«Vê-o também no meio do hemispherio  
«E, quando desce, o deixa derradeiro...»

Á similhaça dos *Jardins da Sociedade Zoológica de Londres*, o *Jardim Zoológico de Lisboa* deve a sua existencia (como fica dito) exclusivamente á iniciativa particular.

Foi o dr. Van-der-Laan quem, no seu aviario particular, primeiro planeou esta formosa instituição.

Convidando para collaboradores da sua empresa alguns medicos da capital, o dr. Van-der-Laan teve a fortuna de encontrar na actividade incançavel do professor Sousa Martins um auxilio poderoso. O genio irrequeto e bulçoso do peninsular com a perseverança reflexiva e a tenacidade fleugmatica do hollandez, teve por natural producto a brilhante realisação do que no principio fora apenas um louvavel desejo.

Em torno dos iniciadores agrupou-se logo entusiasticamente tudo quanto entre nós professa o firme proposito de progredir e de acompanhar na esteira da civilisação as mais adelantadas nações.

A assembléa de *adherentes*, que sob a presidencia de el-rei D. Fernando se reuniu em 19 de Fevereiro de 1883, enchia, a transbordar, o mais vasto dos amphitheatros da Escola Polytechnica de Lisboa.

Ahi se elegeu por aclamação a denominada *Commissão fundadora* constituída por quarenta membros, entre os quaes desimpenhou as funcções de presidente o Visconde de S. Januario tendo por secretarios o professor Sousa Martins e o dr. Van-der-Laan.

Esta commissão organizou estatutos, emittiu a 1.ª serie de acções na importancia de Rs. 60:000 (o capital social é de Rs. 300:000) e tratou de adquirir terrenos para a installação do Jardim.

Ao accionista Theodoro Schonewald deve a sociedade grandissimos serviços no desimpenho d'esta ultima missáo. Foi elle quem se prestou a impenhar-se para com os proprietarios do formoso Parque de S. Sebastião da Pedreira no intuito de conseguir d'elles que o *Jardim Zoológico de Lisboa* tivesse alli a sua inauguração. Por seu lado os donos do parque (a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores de Almeida Pinto e seu esposo João Antonio Pinto) deram promptamente rasgado exemplo de generosa bizzaria cedendo por emprestimo á sociedade do *Jardim Zoológico* os desejados terrenos.

Annexos a estes que desfructa imprestados, e que medem uma área de 8,4250 hectares, — a Sociedade possui terrenos terrenos arrendados que occupam a área de 6,3930 hectares. Ha portanto ao seu dispór uma área total de 14,8180 hectares (em numeros redondos, 15 hectares proxima-mente).

Ora, se attendermos a que o *Jardim Zoológico de Antuerpia* (incontestavelmente um dos melho- res que hoje existem) pouco mais mede de 8 hec- tares, se attendermos inclusivamente a que o *Jardim de Acclimação de Paris* não ultrapassa a área de 15 hectares, — razões de sobejo nos ficão para nos orgulharmos com a extensáo do nosso Jardim.

Fundada a Sociedade, reuniram-se os accionistas em Assembléa Geral na noite de 1 de Outubro de 1883; e na sessão seguinte (aos 8 de Outubro) elegeu-se a *Direcção* que deveria administrar os negocios da Sociedade até fins d'esse anno. Essa *Direcção* composta de zelosos cavalheiros — entre os quaes encontramos o Visconde de S. Januario (presidente), o dr. Van-der-Laan (gerente), Francisco Isidoro Vianna (thesoureiro), e os vogaes dr. Carvalho Monteiro, dr. Vicente Monteiro, professor Sousa Martins, Conde de Ficalho, Eduardo Burnay, F. Santos Mattoso, Barão de Kessler, Miguel Paes, Rebello de Andrade, e Barão d'Almeida Santos, — essa *Direcção* (repito) tomou posse do parque, e deu principio ás obras da installação em Novembro de 1883.

Re-eleita em Março do anno corrente, a *Direcção* intendeu dever confiar a uma *sub-direcção* ou *Commissão executiva* a conclusáo das obras do Jardim.

Nessa *Commissão executiva* merecem louvores especies, pela inexcelsível dedicacáo e actividade incançavel de que deram prova, o dr. Carvalho Monteiro, o dr. Vicente Monteiro, o professor Sousa Martins, o dr. Van-der-Laan (que assumiu sobre os seus hombros o espinhoso encargo de acondicionar os exemplares zoológicos do Jardim), o Barão de Kessler (que na sua qualidade de engenheiro revelou um finissimo sentimento artistico, delineando as construcções executadas no Parque), e o thesoureiro Francisco Isidoro Vianna (prestando-se espontaneamente a adeantar as quantias que precisas fossem).

E, por ultimo, no lugar d'honra manda a justiça que citeemos o commendador Mendes Monteiro (vice-presidente da Assembléa Geral), S. M. El-Rei D. Fernando (presidente honorario, que por mais de uma vez se ha já dignado honrar com a sua augusta presenca as sessões da Assembléa), e finalmente S. M. El-Rei D. Luiz (um dos mais desvelados protectores do Jardim). Estes tres nomes, figurando entre os dos primeiros accionistas, figuram simultaneamente entre os d'aquelles que mais têm inriquecido o Jardim com seus valiosos donativos.

Ahi está aberto ao publico o *Jardim zoológico e de acclimação em Portugal*. Revejam-se n'elle os que ainda possam pôr em duvida a influencia da iniciativa particular. Sem para isso contribuir o mais insignificante subsidio do Estado ou do Municipio, ahi está patente aos olhos de todos um verdadeiro primor.

N'um parque já por si lindissimo, — e agora povoado por uma variedade innumeravel de mamíferos, de aves e de reptis, — quem ha que não

concorra pressuroso a um curioso entretenimento, onde ás delicias de um passeio agradabilissimo se junta a utilidade da instrucção?

Gangas e pavões, patos e eysnes, faisões, aguias e abutres, milhafres e corvos, cegonhas, tucanos, araras, kakatuas, papagaios, periquitos, pombos de variedades raras, monos, macacos, saguis, lontras, veados e rangíferes, bois-zebus, dois camelos (em que as creanças passeiam em volta do Jardim, conduzidas por um australiano côr-de-aze- viche), uma girafa, uma hyena, um tapir; quatro ursos, dois javalis bravissimos, tres lobos, varios agutis, mangoucos, texugos, porcos-espinhos, porcos da India, porcos-canuistras, cobras e lagartos, jacarés e crocodilos, — uma infinidade (em summa) de animaes diversissimos e todos elles altamente curiosos, eis o que o publico alli todos os dias encontra desde as 8 horas da manhã até ao anoitecer.

Além da bicharia que deixo mencionada, ha ainda um elephante que foi jocosamente offere- cido ao Jardim por um dos socios. Mas esse (o elephante) figura provisoriamente na sala do dr. Van-der-Laan, em cima da jardineira, porque... mede apenas dois decimetros de comprimento e é de papelão pintado.

Vivo, porém, bem vivo, grandioso, corpulento, formidavel, — um verdadeiro elephante em toda a sua brutal magnitude, — brevemente chegará das nossas possessões do ultramar, com o destino de ir presidir ás almarias todas do Jardim. Da India se esperam tigres também, da Africa leões e leopardos, do Brazil gibóias, e da Oceania pantheras. Por esta fórma o *Jardim Zoológico de Lisboa* ficará sendo, dentro em pouco, um dos primeiros do mundo.

A estampa com que o OCCIDENTE acompanha este artigo, representa uma vista do extensissimo lago em que se banham os palmípedes, e em que vogam graciosos barquinhos destinados ao recreio dos visitantes.

Aquelle formoso lago constitue uma das mais deslumbrantes creações em que se desintranhou o genio do fallecido capitalista José Maria Eugenio d'Almeida na sumptuosa construcção da sua principesca vivenda.

O numero proximo do OCCIDENTE dará em gravura o elegante *kioske dos quadrumanos*. E em numeros subsequentes irão opportunamente apparecendo desenhadas as minucias interessantissimas de todo o Parque. D'est'arte o leitor folgará de encontrar reproduzidas pelo buril as particularidades que mais lhe captivaram a attenção no seu divertido passeio ao *Jardim Zoológico de Lisboa*.

Xavier da Cunha.

## A SECÇÃO VINICOLA

NO

PAVILHÃO CENTRAL DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA

Vestem-se de pampanos, as varzeas, as encostas, e até as folhas do schisto e onde, para d'ellas brotarem fructos, trabalha vigoroso, pelo estimulo do premio, o nosso trabalhador rural sob a intelligente iniciativa do capital agricola. Para o encon-

## O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 136)

### IV

#### Os parentes pobres

As sovas eram rezes mormente se a diabrura fosse de ordem tal que obrigasse Gilberto, como agora no caso sujeito, e expór a sua theoria sobre a educação dos filhos alheios.

Elle já estava a ver que os brincos da tourada, haviam de dar em choricos.

Fôra o caso de haver o primo Antunes, o trangalhadaças do primo Antunes, arranhado com uma lasca de uma cana o menino do meio que lhe dera um encontro.

Mas que figados de rapaz!

Gilberto até se fez livido.

Lançou ao sobrinho e ao irmão um olhar de tigre e quasi que teve apeti- tes carniceiros de os devorar a ambos.

Entretanto accudia a mãe, accudia a parentella toda azafamada, accudia toda a gente è o criado de corrida também, punha ás costas o barril e fugia para o chafariz, mesmo em cabello, antes que sobre elle caissem a um tempo o Carmo e a Trindade!

Gilberto pedia algum vinagre, e mandava ao queixoso que chapinhasse a parte offendida.

Depois consolava-o paternalmente, pedia-lhe que não chorasse, e beijava-o fazendo caretas piegas, e momices de velho de entrudo.

A tudo isso assistia o primo Antunes de beico caído, sentindo formigueiros cerebraes, sem se atrever a levantar os olhos do chão, e com as orelhas escarlates, escandescentes como carvão em brasa.

O proprio pae encarava-o como um verdadeiro Herodes!

A mãe não se mostrava igualmente mais affectuosa.

Estava contra elle como uma bicha, e fazia muitas caretas e gestos rai- vosos, beliscando-o ás escondidas, á surdina, de uma maneira rancorosa, cheia de uma grande ira.

Gilberto dirigindo-se de longe abanava a cabeça de uma maneira inten- cionalmente reservada.

— O que te vale a ti é não seres meu filho.

Depois como quem reconsidera accrescentava:

— Mas afinal de contas tu não és o culpado, são teus paes que não te sou- beram dar educação, e te criaram ao Deus dará como o Bahia.

N'isto dirigia-se ao pae de Antunes e á mãe que estavam a um canto cheios de vergonha e muito afoguidos.

— Vocês lá lhe encontrarão o erro, quando já não tiver remedio. Pois de pequenino é que se troce o pepino.

Isto era dito no meio do silencio mais respeitoso, apenas entrecortado do soluçar afflicto do menino do meio que se abraçava ao pae com muita macaque, fazendo ao mesmo tempo caras feias aos primos, deitando-lhe olhares de revez, e mirando-os triumphalmente do alto do seu infantil despezo.

«Maus, felos: o papá é muito amigo e não bate no menino.»

trarem, porém, de feição, tanto lhes sorriem as aptidões do solo, como lhes são benéficas as poderosas influencias do clima de uma e de todas as regiões do paiz.

Mais do que reguladora na distribuição da população rural, é e foi sempre a videira o mais rico manancial da fortuna publica do nosso paiz.

Na sua cultura tem encontrado apoio as nossas mais importantes relações commerciaes. Nella, em grande parte se fundamentam ainda importantes interesses, que a propria crise cultural da viticultura não faz esmorecer, senão que os sobrexcita.

Tão importante é a riqueza vinicola de Portugal, na sua notavel variedade, que logra ainda amparar, n'uma estranha subordinação talvez, a que, pela extensão, mais valia do que ella, e mais amplo mercado tem conseguido fornecer.

Esta circumstancia dá a secção oenologica da exposição agricola uma importancia que todos reconhecem, e que muito claramente tem favorecido algumas mais notaveis regiões vitícolas do paiz.

Os vinhos da Extremadura, se não rivalisam pelo seu valor oenologico com os notaveis typos da região do Alto-Douro, alimentam hoje, e mais do que estes, uma exportação consideravel com relação á quantidade, e que auxilia notavelmente o commercio de vinhos da França.

Na exposição agricola de Lisboa o facto não assumirá, porventura, maior importancia, dadas as facies circumstancias actuaes para todas as relações commerciaes, mas o vivo interesse manifestado pelo illustrado redactor do *Moniteur vinicole*, *mr. Le Sourd*, actualmente em Lisboa, de conhecer e apreciar os vinhos portuguezes, tintos ou de pasto dá a esse mesmo facto uma significação que claramente demonstra o que seja um dos objectivos das nossas exposições agricolas.

Por isto tambem não julgamos fóra de proposito dizer duas palavras acerca da secção oenologica.

Não são, decerto, para os intuitos que deixamos indicados, as installações que constituem a mesma secção, o que mais directa e immediatamente os serve. No entanto não deve ahí nunca faltar o necessario relevo para que se consiga a representação da industria rural, que d'esse modo se põe em evidencia. É mesmo da natureza e indole das exposições que assim succeda.

O jury, nos valores technicos que distribue, completa depois o valor d'ellas.

Nós, porém, nem os conhecemos ainda, nem mesmo temos de momento outro proposito que não seja o de descrever rapidamente as installações da secção a que nos referimos.

Transpando o portico principal do Pavilhão Central, entra-se logo na secção occupada pelas installações da industria vinicola portugueza.

Occupava ella portanto um lugar de honra distincto ainda por ser a parte mais ampla do pavilhão, e á qual estão subordinadas as primeiras in-

stallações na curva das galerias, ella como que resalta pelas decorações que completam adequadamente os trophéos agricolas que encimam as *étagères*.

Em parte por districtos administrativos, em parte individuada, a installação da secção oenologica tem necessariamente de ser descripta sob estes dois aspectos differentes.

A individualização que logo á entrada do edificio como que se nos impõe pelo lugar que occupa, e ainda mais pela sua grandeza decorativa, na sua forma pyramidal representa o predio agricola denominado a Quinta das Reliquias, situado no Alentejo, e da propria exploração do sr. visconde da Ribeira Brava.

Mas n'esta mesma secção, se procurármos valores oenologicos de alto preço e justo renome, nenhuns de certo rivalisam com os que se encontram nas installações do visconde de Villar d'Allen, e de do sr. Torquato Lomelino.

Na primeira d'ellas temos esses tão notaveis productos da Quinta do Noval, que assenta na encosta d'aquelle atormentado terreno do Alto-Douro, e que se quebra e abre para dar caminho a um dos afluentes do Douro, o Pinhão.

O paiz vinhateiro por excellencia, n'esta nesga da peninsula, onde por bem dizer não ha torrao ou comella que o não seja, a vidicultura duriense, e nós todos, conhecemos bem quantos esforços e dedicacões deve o progresso agricola do paiz ao distincto viticultor do Alto-Douro, a quem prestamos hoje no *Occidente* uma justa homenagem de consideração.

A installação do sr. Torquato Lomelino representa a Madeira, tão afamada tambem pelo seu excepcional producto vinicola, e tão verdadeiramente notavel pelo seu alto valor oenologico.

O commercio dos vinhos do Alto-Douro e regiões circumvisinhas concorrem n'este lugar; e nos productos que expõe lembra a actividade viticola d'aquellas mesmas regiões, e recorda quanto vale ainda, nas suas differentes castas, a *ampelidea* em que fundamentam a sua principal riqueza.

Agora, contornando esta mimosa decoração formada de plantas ornamentaes, arrancadas á caprichosa exuberancia da vegetação da Africa Austral, e que no seu artistico emaranhado melhor nos diz ainda o que ella seja ahí, vejamos as restantes installações da secção vinicola.

Descrevendo o perimetro d'esta parte do pavilhão, estão dispostas em torno d'um *chalet*, que em si mesmo é uma ornamentação vinicola, uma perfeita justificação do titulo que damos a esta secção.

Nas installações agrupam-se os productos de uma das sub-regiões da Extremadura ou mais particularmente, do districto de Lisboa. Os principaes typos dos vinhos que n'ella são produzidos, aqui os encontramos. São elles bem conhecidos para que os enumeremos agora; e bem apreciados são geralmente pelas suas qualidades bem distinctas, e que accentuam a variedade na producção vinicola d'esta sub-região.

Ao longo da curva das galerias, e na parte que ainda consideramos como secção vinicola, ou grupada por districtos administrativos, ou individualmente, com raras excepções, encontrar-se quasi toda a variedade de vinhos, do paiz; facto mais uma vez demonstrado e que bem justifica a seguinte asserção do sr. visconde de Villa Maior: "... Portugal

tem todos os predicados para ser um paiz vinicola de primeira ordem, e é mais que nenhum outro, apto para ser um paiz de exportação de vinhos de todas as categorias.

Estas palavras tambem justificam agora o lugar de honra que no pavilhão central, foi destinado aos productos oenologicos.

Julio Borges.

## RESENHA NOTICIOSA

**KOSSUTH.** O celebre patriota hungaro, Luiz Kossuth, naturalizou-se italiano, e aceitou um lugar em uma companhia milaneza.

**MARROCOS.** O ministro dos negocios estrangeiros d'este imperio africano, acha-se em Paris, ha algum tempo. O fim apparente, segundo se diz, é o de realisar um tratado de commercio com a França, conforme porem outras versões, parece que se trata ou de uma cessão de territorio, ou de uma rectificação da fronteira argelina. A Hespanha segue as negociações com interesse e não deixa de nutrir suas apprehensões a tal respeito, considerando que a rectificação da fronteira seria uma infracção dos tratados ou accordos entre ella e a republica franceza. Em todo o caso, o que é verdade, é que a França tem desenvolvido a sua actividade diplomatica no imperio marroquino, e que ella e a Hespanha almejam aquella preza; que a Italia tambem pucha um pouco pelos cordeis, e não deixa de receiar que succeda para o poente da Argelia, o mesmo que succedeu para o nascente, em Tuniz, onde a França se introduziu de todo. Nós occupamos da camara dos pares e das proximas eleições e quando um dia virmos que o excesso de braços só em regiões longiquas poderá encontrar emprego util, lamentaremos o erro de termos abandonado no seculo passado a ultima praça que possuamos no imperio marroquino, e que não termos aproveitado desde então para cá as boas disposições do governo marroquino a nosso respeito, de não termos tratado de nos entendermos com a Hespanha sobre esse assumpto, ou de não termos procurado renovar algumas das colonias que já tivemos n'aquella parte de Africa. Não obstante a indifferença do publico e dos governos, não cessaremos de clamar: *não percamos de vista Marrocos.*

**REMEDIO CONTRA A RAIVA.** Lemos em alguns periodicos francezes, que se affirma haver o celebre chimico e physiologista, Pasteur, descoberto um remedio contra a raiva. Se assim fór, daremos os parabens á humanidade.

**CONGO.** São tantas as noticias e de tão diversa natureza que se succedem relativas á região d'aquelle notavel rio de Africa, que fomos os primeiros a descobrir, tratar, colonisar e civilisar, que não se podem conglobar em poucas palavras. Depois das representações das camaras de commercio de Manchester e Rotterdam, de algumas discussões em sociedades geographicas e commerciaes, e depois das apreciações desfavoraveis de alguns periodicos, nomeadamente do *Temps* de Paris, parece ter-se operado uma certa reviravolta na opinião publica. Outros periodicos e varios

Gilberto dizia então á boca cheia que não tinha obrigação de aturar filhos alheios, e que lhe faziam muito favor se deixassem em casa os rapazes quando tivessem de ir visital-o.

Queixava-se amargamente de todos os sobrinhos.

Eram uma sucia!

O Francisco nem á missa estava serio, o filho do João até já fumava o seu cigarrito brejeiro, e o Josérito tinha-o encontrado ainda outro dia a jogar a chapa com os garotos da rua e com os malandrotos de pé descalço.

Elle nada tinha com isso porque não eram seus filhos, mas não podia calar-se, muito menos quando corria o risco de lhes soffrer as consequencias pois os seus pequenos eram creados com muito recato, e não tinham maus costumes, nem elle cara para lh'os consentir.

N'isto mostrava a todos as arranhaduras do menino do meio, e as palavras saim-lhe com uma verbosidade nervosa de espantar.

Ninguem se atrevia a abrir bico, a dizer-lhe nada.

Desde a copa até ao recanto da cosinha se communicara logo a noticia do occorrido.

— O senhor estava zangado, dizia-se com recato de boca em boca, n'uma voz baixinha, assobiando muito as palavras.

— Oh!

— O senhor estava muito zangado.

— Mas porque?

— Ora porque havia de ser?! Por causa dos sobrinhos, que são levados da bréca. Tambem é discoco dos paes, não pôde vir a corda sem trazer o caldeirão. Havia tal que não contente em trazer a mulher, as cunhadas e os filhos, trazia tambem o cão e Deus sabe que saudades de não poder igualmente trazer o gato. Já era discoco, fazer d'aquelle modo hospedaria da casa de cada um.

A Joanna achava que o culpado de tudo era o senhor. Não enchesse a barriga a gulosos. D'ahí que despeção! Se elle puxasse pela bolça para pagar tudo como succedia nas demais casas não haviam de usar de tantas franquezas.

Entretanto Gilberto continuava nas suas invectivas, discursando com extraordinaria abundancia de palavras sobre a educação, sua influencia nos destinos do homem e consequencias desastrosas da sua ausencia ao descuro.

E como não poupasse as mais grosseiras e directas allusões aos parentes que allí estavam, ferindo-os no seu amor proprio depois de os haver apunhalado no seu amor paternal, o tio Manuel que fazia caixinhas deu o braço ao mano João das evoluções militares e levou-o para um canto dizendo:

— Que te parece o Gilberto?

— Está furioso.

— Muito mal creado é o que elle está.

— Aquillo não se diz.

— Não se diz nem se faz.

— Se tem muito dinheiro guarde-o para si, e em vez de uma vez coma duas.

— Ou quatro.

— Ou coma sempre de dia e da noite se para tanto tiver estomago e appetite.

Aos cantos da casa juntavam-se em identico conventiculo os demais parentes.

(Continua)

Leite Bastos.

opusculos tem mostrado a insensatez dos primeiros ataques, e parece que se trata agora de obter vantagens para algumas nações, que, aliás as tem marcadas no tratado, que é favorável e liberalíssimo para todos. A notícia mais palpitante, e que se pôde chamar um golpe de mestre, é a que assegura o accordo feito entre o governo francez, e o representante da *associação internacional africana*, para no caso de venda ou transferencia das propriedades e direitos d'esta associação, ser a França a preferida. Vê-se a grande vantagem que a republica tira com esta concessão: sendo o fim da missão Brazza ligar a colonia do Gabão com o Alto Congo, e estando as estações de Brazza fronteiras e tocando com os territorios occupados pelas da empresa de Stanley, passando esta a ser propriedade da França, fica a republica dominando o Gabão até ás duas margens do Alto Congo. O que se vê, é que em todo o caso, contra os factos não se pôde ir, e que nós teremos que nos entender seriamente com os francezes e accordar com elles, com relação ao dominio d'aquella notavel região africana.

**CONFERENCIAS.** O illustrado professor da escola polytechnica de Lisboa o sr. dr. José Julio Rodrigues, encetou uma serie de conferencias scientificas, no salão do theatro da Trindade, para illustração popular. Não podemos resumir em meia duzia de linhas a materia vasta e largamente tratada pelo conferente, o que aliás tem sido feito por algumas folhas diarias, sómente queremos consignar e archivar este facto importante da nossa vida moderna. Brevemente terá o publico occasião de fixar as idéas que por ventura apprehendeu, se teve a fortuna de ouvir o digno professor, porque essas conferencias vão constituir, cada uma um livrinho da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*.

**COMMEMORAÇÃO.** A *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes* realizou hontem a sessão solemne commemorativa da sua fundação a 10 de junho de 1880, e do facto que a determinou, a celebração do terceiro centenario de Camões. Por esta occasião foi publicado o 1.º numero do seu *Boletim*.

**ESTATUAS.** Em França ha ao presente varias commissões encarregadas de elaborarem os projectos e reunirem os meios afim, de se erigirem estatuas a alguns dos seus homens notaveis. Entre ellas uma é relativa a Gambetta outra ao pintor Paulo De la Roche. Ao todo, por emquanto, são dezenove os favorecidos pelo reconhecimento dos seus concidãos. É um ensinamento de historia patria, que por ora ainda está pouco desenvolvido entre nós, e precisa sel-o, para incentivo e progresso da arte nacional.

**MADEIRA e AÇORES.** Os filhos d'estes dois archi-



JOSÉ MANUEL RODRIGUES

2.º TENENTE DE ARTILHERIA (Segundo uma photographia)

pelagos, residentes em Lisboa, vendo que a sua patria tem soffrido calamidades n'estes ultimos annos, e presentemente a fome e a penuria atacam os habitantes da Madeira e Porto Santo, resolveram reunir-se, para como tem feito outras vezes accordarem nos meios de promoverem a resolução d'essa crise. N'essa reunião, celebrada na sala da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes* no dia 25 de maio ultimo e a que presidiu, como de costume um dos nossos directores-litterarios o sr. Brito Rebello, decidiu-se que uma commissão composta de cavalheiros dos dois archipelagos se dirigissem a el-rei, solicitando remedio para aquelles males, sendo os que mais promptos parecem, os que se achavam consignados na proposta de lei n.º 100 e seu projecto de lei, que não chegaram a obter approvação da camara dos pares, apesar de terem entrado em discussão, com pareceres favoraveis das respectivas commissões,

por falta de tempo. El-rei recebeu a commissão, como costuma, prometendo recommendar ao seu governo tão importante assumpto.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O INSTITUTO, revista scientifica e litteraria, volume xxxi — fevereiro de 1884 — 2.ª série n.º 8, — Encerra este numero, além de outros sobre diversos assumptos, dois artigos commemorativos do falecimento do dr. A. F. Simões, com o elenco bibliographico dos seus escriptos.

ESTEMMA DE PERPETUAS na *campanha do dr. Augusto Filipe Simões*, por A. F. Barata e Gabriel Pereira... Lisboa, Typographia Elzeviriana, rua Oriental do Passeio, 8 a 20, 1884. — É um tributo de saudade e respeito, pago por dois amigos ao malgrado escriptor, cuja morte veio enlutar de crepes, as letras patrias. Dados biographicos importantes se expõem n'este sympathico escripto, que termina com uma resenha bibliographica dos trabalhos mais importantes do illustrado professor.

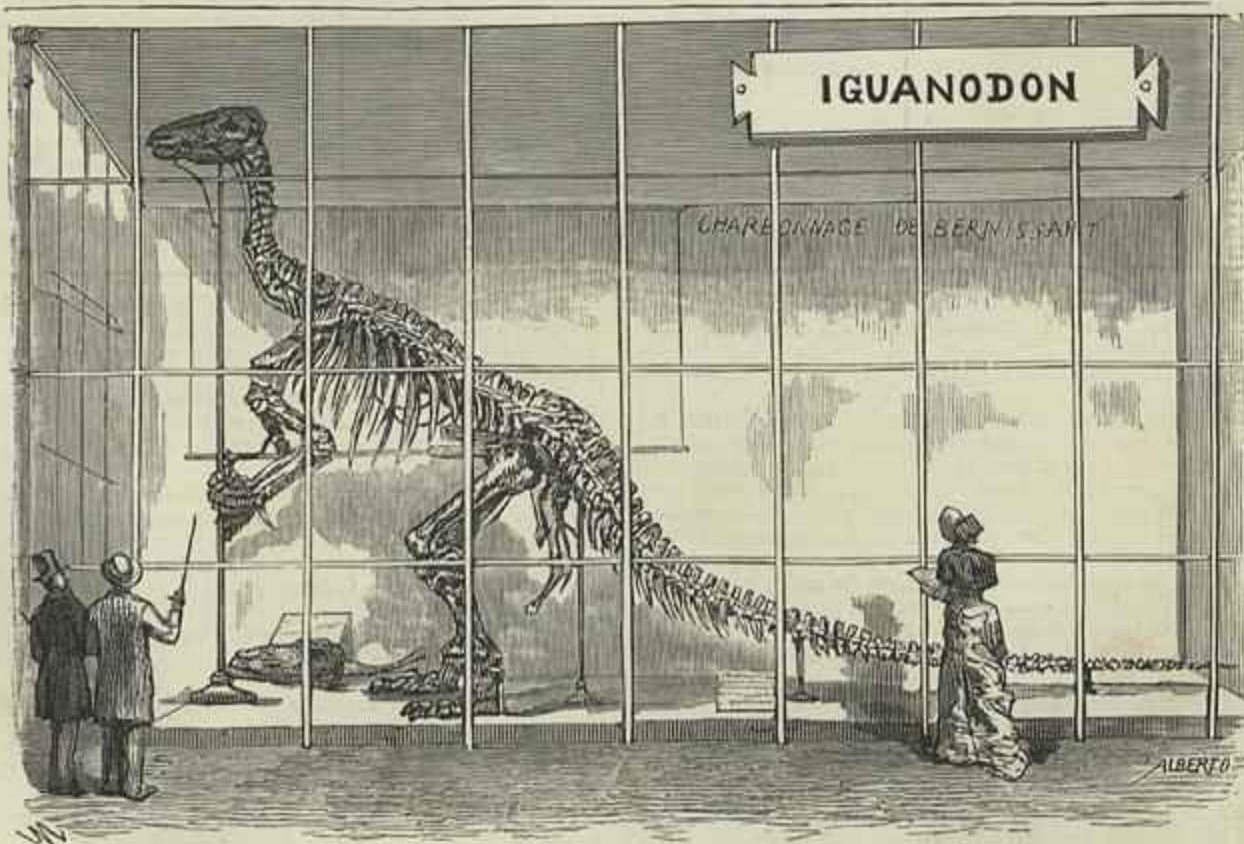
BIBLIOTHECA DO POVO O DAS ESCOLAS. Quarto anno, 10.ª série, 1884, David Corazzi, editor, N.º 79 *Methodo de Francez*. É uma explanação e desenvolvimento pratico das regras estabelecidas anteriormente no fasciculo 64 — *Grammatica Franceza*.

GAZETA DOS HOSPITAES MILITARES, publicada sob os auspicios do ministerio da guerra, n.º 175, 8.º anno de 15 de abril de 1884, traz varios artigos interessantes.

A FABRICA NACIONAL DE TINTAS DE IMPRESSA, contribuição para a historia da industria em Portugal, por José Julio Rodrigues, lente da escola polytechnica, com tres gravuras em madeira. — Lisboa, Typographia Universal... 1884. — folheto de 103 pag. e uma de additamento. — O auctor, bem conhecido e conceituado professor, faz a descripção e historia do fabrico da tinta nacional de impressão, empreza fundada em Lisboa em 1881, e que já hoje é empregada por parte da imprensa do paiz e do estrangeiro, e por essa occasião nota o desfavor com que na nossa imprensa nacional tem sido acolhida esta invenção. É um interessante opusculo, a que se seguirá uma segunda parte.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA — LISBOA



IGUANODON, ENCONTRADO RECENTEMENTE NO TERRENO CARBONIFERO DE BERNISSART (BELGICA)  
(No Museu de Bruxellas)